

Lynn Kurland



Me Espere Na Primavera

01 - De Piaget

Disponibilização: Mari@
Tradução: Yuna, Gisa, Mare e Rosie
Revisão Inicial: Irany
Revisão Final e Formatação: Gis Miranda
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

**Dedicado a Lynn Rowley,
queridíssima amiga, cuja
opinião sobre meu
trabalho, dada de um
telefone público de um
posto de gasolina, trocou
verdadeiramente o curso de
minha vida.**

Agradecimentos

Nenhum escritor é uma ilha, e isso nunca foi mais certo que na escrita deste livro. Quero agradecer a ajuda das seguintes pessoas excepcionais:

Elane Osborn, pelo inspirado título; doutor Kirk Lorimer, que jamais deixa de ponderar entusiasticamente as horrorosas possibilidades das feridas medievais e suas complicações; Gail Fortune, extraordinária editora, por me dar sempre à liberdade para seguir os impulsos de meu coração e Matthew, que renunciou a férias e a outros preciosos momentos livres para ser minhas mãos enquanto as minhas atendiam às necessidades de um bebê.

Argumento:

Desde meninos se conhecem por almas gêmeas: Rhys, um cavalheiro sem título, sem terras e com muita generosidade e coragem no coração; Gwen, uma beleza deslumbrante, uma moça valente e leal que espera ser resgatada pelo único homem a quem ama. Mas Gwen deve casar-se com outro e Rhys teme perdê-la para sempre. Face às maquinações de seus perversos inimigos, o destino lhes dará uma segunda oportunidade que porá a prova seu amor...

Título original: *Another Chancer to Dream*

Editor original: Berkley Books, Penguin Putnam, Inc., Nova Iorque

Tradução: Amelia Brito A.

© 1998 by Lynn Kurland

© da tradução: 1999 by Amelia Brito A.

© 1999 by Edições Urano, S. A.

Capítulo 1

Inverno do ano de Nosso Senhor 1200.
Ayre, Inglaterra.

Ia morrer.

Seria uma lástima morrer tão logo, com toda uma vida pela frente, e justo quando acabava de provar pela primeira vez a verdadeira liberdade. Mas não havia maneira de negar que a situação em que se encontrava era espantosa. Quem teria pensado que se necessitava de tanta destreza para dirigir um cavalo? Possivelmente, deveria ter dedicado mais tempo em estudar os cavalos no estábulo em lugar de passar as horas na varanda de sua mãe bordando desenhos heróicos em fino linho. O fato de que mal era capaz de distinguir um extremo de um cavalo do outro deveria tê-la feito compreender que os conhecia muito pouco para dirigi-los um com certa perícia.

Mas era muito tarde para lamentar-se. Só o que podia fazer agora era segurar-se à sela com uma mão e à crina do cavalo com a outra, e observar como o campo e os acontecimentos mais notáveis de sua vida desfilavam ao seu lado a uma velocidade vertiginosa. Seus pecados também pareciam decididos a apresentarem-se com toda pressa, talvez para adiantarem-se à possibilidade de que o cavalo ou a jogasse contra uma árvore ou para cima, deixando-a com um montão de ossos quebrados sobre a erva silvestre.

Roubo. Sim, restava essa grave loucura pela qual, por desgraça, não tinha tempo para fazer penitência. Mas, naquele momento o roubo lhe tinha parecido à única opção. Necessitava de uma espada para seguir sua nova vocação, e certamente ninguém lhe teria dado uma se a tivesse pedido. Tinha levado um par de dias observando com atenção os habitantes do castelo do seu noivo para escolher uma vítima adequada. Por sorte a sala grande estava em bastante mal estado e os cavalheiros passavam a maior parte do tempo dormindo, de modo que furtar uma espada foi uma tarefa fácil. Meio que suspeitava que sua presa a tinha deixado junto a ele na esteira que cobria o chão e depois pensou que a tinha perdido entre o lixo. Era evidente que isso já tinha ocorrido a outros, porque o caipira se limitou a soltar umas quantas maldições e a receber as condolências de seus companheiros e depois continuou com suas atividades rotineiras.

Quanto à contrição, talvez também devesse se arrepender do dano corporal que causou a um par de cavalheiros e a uma criada

quando ia escapando pelo estábulo com sua recém adquirida espada, tentando que ninguém descobrisse sua identidade. Nunca teria imaginado que o só o feito de caminhar com uma espada atada ao quadril pudesse ser tão perigoso para os que estavam por perto.

Mentira. Bom, isso lhe causava pontadas de vergonha, mas que outra coisa poderia ter feito? Ganhar uma aposta jogando dados era algo perfeitamente aceitável, embora jamais tivesse atirado um dado em sua vida. E se podia ganhar um animal no jogo, porque não o melhor corcel de Alain do Ayre? O moço do estábulo engoliu sua mentira sem dificuldade e aparentemente ficou impressionado por sua habilidade para apostas.

Além disso, a habilidade para mentir e roubar era uma qualidade muito aceitável em um mercenário. De verdade, suspeitava que esse talento mais que conveniente, era necessário. Talvez isso compensasse sua falta de perícia com uma espada.

E com um cavalo, claro. Seus dentes batiam castanholas ao saltar violentamente sobre o lombo do veloz corcel. Lástima que as rédeas não fossem outra coisa que uma agradável lembrança, já que estavam penduradas e oscilando fora do seu alcance. Certamente lhe teriam servido para controlar o animal.

Seu terceiro pecado não retrocedia em seu potente empenho de lhe atrair a atenção, mas não lhe fazia caso. Embora quanto mais forte golpeavam a terra os cascos do cavalo, mais forte ressonava em sua cabeça o som da palavra: cobiça. Cobiçava um homem, e seguro que isso era algo de que devia arrepender-se. Dava igual se a reputação do homem fazia fugir em busca de refúgio a qualquer donzela sensata; diziam que não lhe interessava absolutamente a sorte do matrimônio, mas ela acreditava em outra coisa. Mas fazia um bom punhado de anos que não o via, de modo que era possível que tivessem trocado as coisas. Tinha motivos para duvidar; fazia tempo que deveria ter retornado da França.

Mas não tinha retornado, portanto só o que podia fazer ela era especular, não só a respeito de seus sentimentos por ela, mas também sobre a verdade das histórias que circulavam a respeito dele. Por isso tinha decidido tomar o assunto em suas mãos e sair em sua busca. Se eram certos os rumores de que já não desejava uma esposa, restava a possibilidade de que não se oporia a contar com outra espada para guardar suas costas. E se tinha que dedicar dois largos meses a adquirir destreza para poder oferecer-lhe pois que fosse. Teria sir Rhys de Piaget, queria ele ou não.

O valor e a perícia comentadas de sir Rhys eram qualidades desejáveis; do seu mau gênio se podia fazer caso omissos, e sua

tenaz dedicação à esgrima poderia finalmente voltar-se para ela. Convencê-lo que se casasse com ela poderia requerer que ela asseasse um pouco sua pessoa e aprendesse as habilidades necessárias que se propunha adquirir, mas estava segura de que conseguiria. Por muitos que fossem os perigos que encontrasse em sua busca, por muitos que fossem os rigores de uma vida com um mercenário enquanto melhorava sua destreza no manejo da espada, tudo isso valeria a pena se ele fosse o prêmio.

Certamente isso era preferível ao infernal futuro que tinha deixado a léguas atrás em Ayre.

Encolheu-se de medo ao ver aparecer ante ela um muro baixo de pedras. Mas ao que parecia o cavalo a achou muito do seu agrado, se a alegria eqüina com que saltou por cima era uma indicação. Gwen se agarrou a sela ao mesmo tempo em que lhe fechavam os dentes de repente com uma forte tremedeira. Imediatamente percebeu que refletir sobre seu destino era uma atividade perigosa, posto que devesse centrar toda a atenção em sua montaria.

Enquanto quase voava através do campo, parecia-lhe que tinha transcorrido uma eternidade desde que conseguiu montar na sela uma vez fora das portas de Ayre. A velocidade era uma vantagem, então; quando Alain descobrisse sua fuga ela já estaria bastante longe caminho de Dover. Estava segura de que não lhe custaria nada vender seu anel de compromisso e encontrar passagem para o continente. Se não, seriam necessários mais roubos e mais mentiras. Era uma sorte que tivesse provado ambas as coisas quando ainda estava em terreno conhecido. Seguro que já saberia fazer ou um ou outro com não muito mais que um pouquinho de nervos.

Pela extremidade do olho viu uma figura escura; arriscou-se a dar um segundo olhar e viu um homem cavalgando para ela. Teria se posto rígida de terror, mas lhe deu medo mover-se e teve que contentar-se em soltar um débil chiado que imediatamente se apagou nas rajadas de vento. Santos misericordiosos, acaso Alain já teria notado sua ausência e enviado alguém a procurá-la? Ou seria outro mercenário empenhado em lhe roubar a espada e o cavalo?

Ah, seja o que fosse, a primeira prova de seu valor chegaria antes do que tinha pensado. E bem que iria talvez. Igual a seus vícios, sua perícia com a espada seria posta a prova pela primeira vez enquanto ainda estava em chão inglês.

Se soubesse parar ao cavalo o tempo suficiente para tirar a espada, claro.

O homem chegou até ela e continuou cavalgando para seu lado.

- Vai-te, caipira! - gritou-lhe.

Percebeu que seu tom era o que teria usado sua mãe para repreender a um criado recalcitrante; tentou uma voz mais em tom mercenário.

- Deixe-me em paz, eeh...!

Espremeu os miolos em busca de uma palavra convenientemente vulgar, mas se distraiu ao ver a incrível exibição de perícia do cavaleiro que ia ao seu lado.

Sem muito mais que uma leve ruga de concentração na frente, o jovem se inclinou, estendeu uma mão enluvada e agarrou as rédeas. Uma palavra dita em tom seco e um saudável puxão nas rédeas bastaram para que o cavalo diminuísse o passo até deter-se com graça e majestade. Gwen sentiu uma gratidão tão imensa pelo fim do movimento que não conseguiu encontrar a língua para falar. Bom, é que também a tinha ocupada em passá-la pelos dentes para assegurar-se de que todos continuavam residindo em seus lugares correspondentes.

Satisfeita por ter sobrevivido à viagem até esse momento, mostrou os dentes ao homem e estirou a mão para agarrar as rédeas; mas a retirou imediatamente. Ela podia estar suja, sim, mas se via bastante limpa comparada com o homem que tinha adiante. Tocá-lo não era algo que estivesse segura de desejar fazer.

A julgar pelo estado de sua puída capa, o homem estava a muitíssimo tempo viajando. Teria muito melhor aspecto se tivesse barbeado as bochechas com mais frequência, porque a barba que levava se via suja e emaranhada. Barbear-se também lhe teria tirado um pouco da sujeira que adornava seu semblante. A verdade é que em toda sua pessoa teria ido bem um bom esfregão.

Um mercenário pensou; e certamente um bom, a julgar por sua aparência; que lástima não ter tempo para sentar um momento a conversar com ele; poderia tê-la aconselhado sobre como conduzir-se.

Suspirou pesarosa e dirigiu a mente para a tarefa que tinha entre mãos, vale dizer, recuperar suas rédeas para reatar a marcha.

- Solta meu cavalo, demônio - ordenou com a voz mais rouca que conseguiu.

- Seu cavalo? - perguntou ele com voz zombadora. Por que será que essa idéia ultrapassa os limites de minha imaginação?

- Talvez porque a usa menos que eu a minha, replicou ela, lhe dirigindo um olhar que esperava fosse feroz.

- Os ladrões de cavalos são enforcados, sabe?

- Este, ganhei jogando dados.

Comprovou que desta vez nem sequer tinha titubeado ao soltar

essa mentira. Estava começando a acreditar que talvez aprender a jogar o jogo de dados seria uma boa adição ao seu repertório. Quanta coisa poderia adquirir assim?

- De quem, moço?

- De Alain de Ayre, e isso não é teu assunto. Agora me passe essas malditas rédeas.

O homem se limitou a negar com a cabeça, sorrindo.

- Alain é muitas coisas, mas não tão mau jogador. Nenhum menino o teria derrotado tão completamente para desprender-se deste exemplar.

- Então me conhece muito pouco - disse ela, olhando as rédeas e desejando que o cavalo ao mover-se se aproximasse mais para lhe fazer mais fácil a captura -, porque sou muito esperto, sabe? Não só com o jogo de dados, mas também com a espada. E, além disso, acrescentou, sou um cavaleiro condenadamente bom. Inclinou-se e de um puxão lhe tirou as rédeas.

E na seguinte respiração, comprovou que o cavalo já não estava debaixo dela.

Estendida no chão com a cara enterrada na terra pensou se talvez devesse ter executado o movimento com um pouco mais de elegância. Ao princípio estava muito sem fôlego para dar-se conta de que já não tinha as rédeas na mão nem que o cavalo já não estava perto para esmagá-la e lhe tirar a vida. Sim, ouviu que o homem lhe gritava, mas o zumbido nos ouvidos demorou uns momentos em sossegar o suficiente para entender o que lhe dizia.

-... pisoteado, estúpido! Santos do céu, desde quando os moços ingleses sabem tão pouco de equitação? Maldito seja, vai me dar tantos problemas como imaginei. Maldito seja o cavalheirismo; deveria fazer um hábito de não praticá-lo. Como se tivesse tempo para ajudar a um moço estúpido que de toda maneira vão enforcar dentro de duas semanas.

E assim continuou xingando, enquanto Gwen se levantava com grande esforço. Quando esteve de pé, olhou para todos os lados em busca de seu cavalo.

- Lá! - disse o homem assinalando com gesto impaciente para o caminho por onde ela tinha vindo. O cavalo baio só estava um pouquinho distante-. Voltou para o Ayre, seguro que a procurar a alguém que saiba montá-lo.

Gwen refletiu sobre sua situação. Estava sem cavalo e machucada; tinha poucas possibilidades de chegar à França se fizesse o caminho a pé. Olhou o jovem e logo o seu manso cavalo. Ao que parecia só ficava uma solução. Jogou para trás a capa,

apoiou a mão no punho de sua espada e plantou os pés separados a uma distância masculina.

- Espantou meu cavalo. Acredito que terei que agarrar o teu em troca.

Isso ao menos conseguiu acabar com a diversão do jovem, que a olhou pestanejando, atônito, como aflito por essa idéia.

- É uma brincadeira, não é?

Ao ver sua expressão, Gwen adquiriu coragem; pelo visto sua aparência era muito mais ameaçadora que o que se atreveu a esperar; possivelmente era efeito do novo giro que tinham tomado seus desordenados cabelos com o corte; não estava nem a metade satisfeita com o corte que fez nas tranças com a faca para comer, mas era evidente que lhe dava um aspecto perigoso; sem dúvida a abundante fuligem com que se lubrificou a cara contribuía ainda mais para lhe dar uma aparência sinistra. Se seu aspecto intimidava assim aos que lhe aproximavam, talvez não fosse precisar mentir nem roubar tanto como tinha temido. A idéia de ter intimidado a alguém ainda mais sujo que ela, lhe produziu uma nova quebra de onda de coragem.

Com um gesto da mão lhe indicou que descesse do cavalo.

- Desmonte, se não quer me obrigar a tirar minha espada.

A comissura da boca do homem começou a curvar-se sob sua emaranhada barba. Medo pensou Gwen, satisfeita. Sim, o assunto era muito mais fácil de que o que tinha pensado.

O jovem se inclinou sobre sua sela.

- Vejamos se te entendi bem, lhe disse. Quer que desmonte e te entregue as rédeas de meu cavalo. A você?

- Sim.

- A você, que não foi capaz de controlar esse lastimoso animal dos estábulos de Ayre?

Gwen apertou os dentes.

- É um belo corcel, forte e feroso, protestou. Ao ver em sua expressão que estava menos que convencido, acrescentou: Além disso, inclusive ao mais experiente dos mercenários lhes acaba a sorte de vez em quando.

O jovem soltou uma espécie de bufo e começou a tossir, com os olhos banhados em lágrimas. Gwen considerou a idéia de derrubá-lo do cavalo enquanto ele tentava recuperar o controle, mas a contra gosto desprezou o pensamento. Não seria cavalheiresco fazer isso a um homem no momento em que tinha tanta dificuldade para respirar.

- Por todos os Santos, resfolegou o jovem.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

